

Porque os movimentos revolucionários anteriores fracassaram¹

Anton Pannekoek*

Introdução

Há trinta anos atrás os socialistas estavam convencidos que a guerra que se aproximava entre os grandes países capitalistas significaria a catástrofe final do capitalismo e seria sucedida pela revolução proletária. Quando a guerra começou o movimento socialista e operário se colocou num processo revolucionário, as esperanças dos operários revolucionários se intensificaram. Inclusive logo estiveram seguros de que a revolução mundial seguiria o despertar da guerra mundial. E de fato foi assim. Como um luminoso meteoro a revolução russa se incendiou e resplandeceu sobre a Terra, e em todos os países os operários se lançaram à luta e começaram a mobilizar-se.

Só alguns anos depois é que ficou claro que a revolução estava retrocedendo, que as convulsões sociais estavam decrescendo, que a ordem capitalista estava sendo restaurada gradualmente. Hoje o movimento dos operários revolucionários está em seu afluxo mais baixo e o capitalismo está mais poderoso do que nunca. Mais uma vez, uma grande guerra chegou, e de novo os pensamentos dos operários e comunistas voltam à pergunta: afetará o sistema capitalista de tal modo que surja daí uma revolução operária? Será realizada desta vez a esperança de uma luta vitoriosa da classe operária pela liberdade?

Está claro que nós não podemos esperar por uma resposta a esta pergunta uma vez que não entendemos porque os movimentos revolucionários depois de 1918 fracassaram. Só investigando todas as forças que estavam atuando, é que podemos conseguir uma visão clara das causas deste fracasso. Por isso, devemos voltar nossa atenção sobre o que tem acontecido nos últimos vinte anos no movimento operário mundial.

II – O desenvolvimento do capitalismo mundial e o distinto caráter da revolução proletária

O crescimento do movimento operário não foi o único fato importante, nem sequer o mais elementar na história do século passado. O fundamental foi o crescimento do

¹ Publicado pela primeira vez na revista *Living Marxism*, Vol. 5, #2, no final de 1940. Traduzido do inglês para o castelhano pelo Grupo de Comunistas de Conselho da Galiza. Disponível em castelhano em: <https://www.marxists.org/espanol/pannekoek/1940s/1940.htm>. Acesso realizado em 01/02/2016.

* Traduzido para o português por Edmilson Marques.

capitalismo. Não só cresceu em intensidade – através da concentração do capital, o aprimoramento das técnicas industriais, o crescimento da produtividade – mas também em extensão. Desde os primeiros centros da indústria e do comércio – Inglaterra, França, América e Alemanha – o capitalismo começou a invadir os países estrangeiros, e agora está dominando todo o mundo. No século anterior os continentes estrangeiros foram dominados para serem explorados como colônias. Porém, no final do século XIX e início do XX vemos uma forma superior de conquista. Estes continentes foram dominados pelo capitalismo: se converteram eles mesmos em capitalistas. Este processo de maior importância, que seguiu rapidamente no último século, significou uma transformação fundamental em sua estrutura econômica. Logo, ali estava a base de uma série de revoluções que ocorreria em todo o mundo.

Os principais países de capitalismo desenvolvido, com a classe média – a burguesia – como classe dominante, foram anteriormente rodeados por um conjunto de outros, os países subdesenvolvidos. Aqui a estrutura social, todavia, era inteiramente agrária e mais ou menos feudal; as grandes planícies eram cultivadas pelo campesinato que era explorado pelos proprietários de terras e permanecia em contínua luta mais ou menos aberta contra eles e os governantes autocratas. No caso das colônias esta pressão interna foi intensificada através da exploração pelo capital colonial europeu, que fez de seus agentes proprietários de terras e reis. Em outros casos esta exploração mais forte pelo capital europeu foi provocada através de empréstimos financeiros dos governos, que impuseram elevados impostos sobre o campesinato. Construíram vias férreas, introduzindo produtos de fábrica que destruíram as velhas indústrias tradicionais e transportaram matérias primas e alimentos. Isto jogou gradualmente sobre os camponeses o comércio mundial e despertou neles o desejo de converter-se em produtores livres para o mercado. Fábricas foram sendo construídas; houve o desenvolvimento de uma classe de homens de negócios e distribuidores nos povos que sentiam a necessidade de um governo que atendesse os seus interesses. A juventude, estudando nas universidades ocidentais, se converteu em porta voz revolucionária destas tendências. Em vários programas passaram a produzir intelectualmente, defendendo principalmente a liberdade e a independência nacional, um governo democrático responsável, direitos e liberdades civis, com a finalidade de ocupar um lugar como funcionários e políticos no estado moderno.

Este desenvolvimento no mundo capitalista teve lugar simultâneo e propriamente com o desenvolvimento do movimento operário no interior dos países de capitalismo avançado. Havia então dois movimentos revolucionários, não só paralelos e simultâneos, mas também com muitas coisas em comum. Tinham um inimigo comum, o capitalismo, que na forma de capitalismo industrial explorava os operários, e na forma de capitalismo colonial e financeiro explorava o campesinato nos países orientais e coloniais e sustentava os governantes despóticos. Os grupos revolucionários destes países somente encontraram apoio e ajuda por parte dos operários socialistas da Europa Ocidental. Por isso foram também denominados de socialistas. As velhas ilusões de que as revoluções da classe média trariam liberdade e igualdade para toda a população estava renascendo.

Na realidade havia uma diferença profunda e fundamental entre estes dois tipos de objetivos revolucionários, denominados como ocidental e oriental. A revolução proletária só pode ser o resultado do desenvolvimento mais elevado do capitalismo. Abolição do capitalismo. As revoluções nos países orientais eram consequências da emergência do capitalismo nestes países. Nesse sentido, se assemelham às revoluções da classe média nos países ocidentais e – com a devida consideração para o fato de que seu caráter essencial deve ser diferenciado nos distintos países – devem considerar-se como revoluções da classe média. Embora não houvesse uma numerosa classe média de artesãos, pequenos burgueses e camponeses ricos, tal como havia sido nas revoluções francesas e inglesas (porque no Este, o capitalismo veio de repente, com um número menor de grandes fábricas) todavia seu caráter geral é análogo. Também aqui teremos o despertar para além da visão provinciana de uma vila agrária que segue em direção à consciência de uma grande comunidade nacional e seja de interesse do mundo inteiro; a emergência do individualismo que se liberta das amarras das velhas classes sociais; o crescimento de interesses voltados para a busca de poder e riqueza pessoais; a libertação do pensamento das velhas superstições, e o desejo do conhecimento como um meio de progresso. Tudo isso é instrumento mental necessário para levar a humanidade, desde o modo lento de vida das condições pré-capitalistas, até o rápido progresso industrial e econômico que mais tarde abrirá o caminho para o comunismo.

O caráter geral de uma revolução proletária deve ser totalmente diferente. Ao invés de uma luta limitada aos interesses pessoais deve haver uma ação comum pelos interesses de classe. Um operário, uma só pessoa, é impotente; só como parte de sua classe, como membro de um grupo econômico fortemente conectado pode conseguir poder. As

individualidades dos operários são disciplinadas ordenadamente por seu hábito de trabalhar e lutar juntos. Suas mentes devem libertar-se das superstições sociais e ver como uma verdade comum o que, uma vez estando fortemente unidos, podem então produzir a abundância e libertar a sociedade da miséria e da necessidade. Isto é parte da formação intelectual necessária para levar a humanidade da exploração de classe, da miséria, da destruição mútua do capitalismo, até o comunismo.

No entanto, as duas classes revolucionárias são tão diferentes como são o princípio e o fim do capitalismo. Agora podemos ver isto claramente, trinta anos depois. Podemos também entender como até o momento puderam não só ser considerados como aliados, mas também lançados juntos como as duas faces da mesma grande revolução mundial. Supunha-se que o grande dia estava chegando; a classe operária, com seus grandes partidos socialistas e, no entanto, os grandes sindicatos, conquistaria de imediato o poder. E então, ao mesmo tempo, com o poder do capitalismo ocidental abolido, todas as colônias e os países orientais seriam libertados da dominação ocidental e se dedicariam à sua própria vida nacional.

Outra razão da confusão destes diferentes objetivos sociais estava em que, nesse período, os pensamentos dos operários ocidentais estavam desde o início completamente ocupados pelas ideias reformistas que defendiam a reforma do capitalismo a partir de formas democráticas e só alguns poucos entre eles compreenderam o significado de uma revolução proletária.

III – A luta revolucionária nos países orientais e os países ocidentais

A guerra mundial de 1914-18, com a destruição absoluta das forças produtivas, provocou profundas rachaduras na estrutura social, sobretudo da Europa central e oriental. Os imperadores desapareceram, os velhos governos foram derrotados, as forças sociais oprimidas se libertaram, as diferentes classes de populações diferentes, em uma série de movimentos revolucionários, tentaram tomar o poder e realizar seus interesses de classe.

Nos países altamente industrializados a luta da classe operária já era o fator dominante da história. Agora estes operários haviam passado por uma guerra mundial. Aprenderam que o capitalismo não só se coloca no direito sobre sua força de trabalho, mas também sobre suas vidas; completamente, em corpo e alma, são dominados pelo capital. A destruição e empobrecimento do aparato produtivo, a miséria e a privação sofrida durante a guerra, a decepção e a dor após a paz trazer um conjunto inquietações e insubordinação sobre

todos os países envolvidos. Porque a Alemanha havia perdido, ali a rebelião dos operários foi maior. Ao invés do conservadorismo anteriormente à guerra, emergiu um novo espírito nos operários alemães, composto de valor, energia, desejo de liberdade e de luta revolucionária contra o capitalismo. Era só o começo, contudo foi o início de uma revolução proletária.

Nos países orientais da Europa a luta de classes teria uma composição diferente. A nobreza proprietária de terra foi expropriada; os camponeses se apropriaram das terras; surgiu uma pequena classe de pequenos ou médios proprietários de terras. Os anteriores conspiradores revolucionários se converteram em chefes, ministros e generais nos novos Estados Nacionais. Estas revoluções eram as revoluções da classe média e como tais indicaram o princípio de um desenvolvimento limitado do capitalismo e da indústria.

Na Rússia esta revolução foi mais profunda que em qualquer outra parte. Porque destruiu o poder do mundo czarista que durante um século havia sido um poder dominante na Europa e o mais odiado inimigo de toda democracia e do socialismo, a revolução russa liderou a todos os movimentos revolucionários na Europa. Esta hegemonia havia sido associada durante muitos anos com os chefes socialistas da Europa ocidental, do mesmo modo que o Czar havia sido o aliado dos governos ingleses e franceses. É certo que os principais elementos sociais da revolução russa – as apropriações da terra pelos camponeses e o achatamento da autocracia e da nobreza – apresentam como se fosse uma revolução da classe média, e os bolcheviques acentuaram este caráter comparando-se frequentemente com os jacobinos da Revolução francesa.

Mas os operários no oeste, cheios de tradições de liberdade pequeno burguesa, não consideraram isto estranho a eles. E a revolução russa simplesmente não fez mais do que despertar sua admiração; lhes ensinou um exemplo nos métodos de ação. Seu poder nos momentos decisivos era o poder das ações de massas espontâneas dos operários industriais nas grandes cidades. Além dessas ações, os operários russos construíram essa forma de organização mais apropriada para a ação independente – os soviets ou conselhos. Assim fizeram os líderes e teóricos dos operários em outros países.

Quando um ano depois, em novembro de 1918, o império alemão desabou, a apelação à revolução mundial emitida pelos bolchevistas russos foi aclamada e bem vinda aos principais grupos revolucionários na Europa ocidental. Estes grupos, chamando a si mesmos de comunistas, estavam impressionados pelo caráter proletário da luta

revolucionária na Rússia e ignoraram o fato de que, economicamente, a Rússia permanecia às margens do capitalismo, e que os centros proletários eram somente pequenas ilhas no oceano do campesinato primitivo. Além disso, pensavam que quando viesse uma revolução mundial, a Rússia seria apenas uma província do mundo – o lugar onde a luta teve início – enquanto que os países mais desenvolvidos de capitalismo avançado tomariam de imediato a dianteira e determinariam o curso real do mundo.

Mas o primeiro movimento revolucionário entre os operários alemães foi derrotado. Era apenas uma minoria avançada na qual tomou parte; a grande massa se manteve isolada, alimentando-se da ilusão de que a tranquilidade e a paz eram agora possíveis. Contra estes rebeldes se colocou de pé uma coalização do partido social democrata, cujos chefes ocuparam as cadeiras governamentais, e as velhas classes dominantes, burguesia e funcionários do exército. Enquanto o primeiro deixou as massas imobilizadas, as gangues armadas dos últimos esmagaram o movimento revolucionário e assassinaram os dirigentes revolucionários, Liebknecht e Rosa Luxemburgo.

A revolução russa, através do medo, havia despertado na burguesia uma maior disposição do que havia despertado no proletariado através da esperança. Embora, naquele momento, a organização política da burguesia tivesse desmoronado, seu poder real, material e espiritual, era enorme. A direção socialista não fez nada para enfraquecer este poder; temeram a revolução proletária não menos do que o fez a burguesia. Fizeram de tudo para restaurar a ordem capitalista uma vez que, naquele momento, eles eram ministros e presidentes.

Isto não significou que a revolução proletária na Alemanha tivesse sido um fracasso total. Só o primeiro ataque, a primeira rebelião havia falhado. O colapso militar não havia levado diretamente à dominação do proletariado. O verdadeiro poder da classe operária – a consciência clara por parte das massas de sua posição social e da necessidade de lutar, a mais ansiosa atividade em todas essas centenas de milhares, o entusiasmo, a solidariedade e uma forte unidade na ação, o conhecimento do objetivo final: tomar os meios de produção em suas próprias mãos – teria em qualquer caso que surgir e crescer progressivamente. Tanta miséria e crises eram ameaçadoras na sociedade do pós-guerra, exausta, destroçada e empobrecida, na qual estavam presas as novas lutas que haviam de surgir.

Em todos os países capitalistas, na Inglaterra, França, América, assim como na Alemanha, os grupos revolucionários surgiram entre os operários em 1919. Publicaram

jornais e folhetos, mostraram aos seus companheiros operários os novos acontecimentos, as novas condições e os novos métodos de luta, e encontram boa receptividade entre as massas esclarecidas. Apontaram a revolução russa como o seu grande exemplo, seus métodos de ação de massa e sua forma de organização, o soviet ou conselho. Se organizaram nos partidos e grupos comunistas, associando-se com o Bolchevique, o partido comunista russo. Deste modo se lançou uma campanha pela revolução mundial.

IV – Da crítica do bolchevismo à autonomia operária

Logo, porém, estes grupos se deram conta com dolorosa surpresa que, sob o nome de comunismo, se estava propagando em Moscou outros princípios e ideias distintos dos seus. Apontaram os soviets russos como os novos órgãos dos operários para a autogestão da produção. Porém, gradualmente compreenderam que as fábricas russas estavam novamente sendo controladas por diretores definidos a partir de cima, e que a posição política suprema havia sido apropriada pelo Partido Comunista. Estes grupos ocidentais promulgaram a ditadura do proletariado, que em oposição à democracia parlamentar incorporou o princípio da autonomia da classe operária como a forma política da revolução proletária.

Os porta vozes e dirigentes que Moscou enviou à Alemanha e à Europa ocidental proclamaram que a ditadura do proletariado estava incorporada na ditadura do Partido Comunista.

Os comunistas ocidentais viram como sua tarefa principal o esclarecimento dos operários sobre o papel do partido socialista e dos sindicatos. Apontaram que nestas organizações as ações e decisões dos dirigentes substituíam as ações e decisões dos operários, e que os chefes nunca puderam empreender uma luta revolucionária porque uma revolução consiste nesta mesma auto-organização dos operários; que as ações do sindicato e a prática parlamentar são boas no mundo capitalista jovem e tranquilo, porém, é completamente desprezível durante os períodos revolucionários, onde, desviando a atenção dos operários dos objetivos e metas finais e dirigindo-os a reformas irreais, atuam como forças hostis e reacionárias; que todo o poder destas organizações, nas mãos dos dirigentes, é usado contra a revolução. Moscou, no entanto, exigiu que os partidos comunistas deviam tomar parte nas eleições parlamentares assim como em todo o trabalho dos sindicatos. Os comunistas ocidentais defendiam a independência, o desenrolar da iniciativa, a confiança em si mesmos, a rejeição da dependência e a crença nos chefes. Mas Moscou defendeu, em

termos cada vez mais explícitos, que a obediência aos chefes era a virtude principal do verdadeiro comunista.

Os comunistas ocidentais não compreenderam imediatamente como era fundamental essa contradição. Viram que a Rússia, atacada de todos os lados por exércitos contrarrevolucionários, que estavam sendo apoiados pelo governo inglês e francês, necessitava do apoio e da ajuda das classes operárias ocidentais; não por parte de grupos pequenos que furiosamente atacavam às velhas organizações, senão das velhas organizações das massas. Por isso tentaram convencer a Lenin e aos dirigentes russos que estavam mais informados sobre as condições reais e o futuro do movimento proletário no Oeste. Em vão, claro. Não viram, naquele momento, que na realidade isso era o conflito entre duas concepções da revolução, a revolução da classe média e a revolução proletária.

Era realmente natural que Lenin e seus camaradas fossem absolutamente incapazes de ver que a revolução proletária iminente do oeste era algo muito diferente de sua revolução na Rússia. Lenin não conheceu o capitalismo internamente, em seu desenvolvimento mais elevado, como um mundo de crescente massas proletárias, mobilizando-se até o momento em que pudessem tomar o poder em suas mãos em um aparato de produção potencialmente perfeito. Lenin conheceu o capitalismo apenas o observando de fora, como um estrangeiro, roubando, devastando, usurpando, como o capital financeiro e colonial ocidental deve ter lhe aparecido na Rússia e em outros países asiáticos. Sua ideia era de que, para vencer, as massas ocidentais teriam apenas que unir-se ao poder anticapitalista estabelecido na Rússia; não deveriam tentar obstinadamente buscar outras formas, senão, seguir o exemplo russo. Assim, necessitavam das táticas flexíveis no oeste para ganhar as grandes massas de membros socialistas e sindicais o mais rápido possível, induzi-los a deixar seus próprios partidos e dirigentes que se ligaram aos seus governos nacionais, e unir-se aos partidos comunistas, sem necessidade de substituir suas próprias ideias e convicções. Por isso as táticas de Moscou foram consequência lógica de erros básicos.

E o que Moscou havia propagado teria de longe o maior peso. Teria a autoria de uma vitoriosa contra revolução (alemã) derrotada. Você será mais inteligente que seus mestres? A autoridade moral do comunista russo era tão indiscutível que inclusive um ano depois a dominada oposição alemã pediu para ser admitida como uma “simpatizante” aderente à III internacional. Mas junto à autoridade moral, os russos teriam a autoridade material do dinheiro por detrás deles. Uma quantidade enorme de literatura, facilmente

custeada através dos subsídios de Moscou, inundou os países ocidentais: jornais semanais, folhetos, notícias espetaculares sobre os sucessos na Rússia, análises científicas, todos explicando a visão de Moscou. Contra esta ofensiva esmagadora de propaganda espetacular, os pequenos grupos de comunistas ocidentais, com a sua falta de recursos financeiros, não teriam nenhuma chance. Daí o novo e emergente reconhecimento de que as condições necessárias para a revolução estavam derrotadas e estranguladas pelas poderosas armas de Moscou. Mais ainda, usaram os subsídios russos para sustentar um número de secretários assalariados do partido, os quais, sob ameaça de serem despedidos, naturalmente se converteram em defensores das táticas russas.

Quando ficou evidente que tudo isso não foi suficiente, o próprio Lenin escreveu o seu conhecido panfleto “Esquerdismo: doença Infantil do comunismo”. Embora seus argumentos tenham mostrado apenas a sua falta de compreensão das condições ocidentais, o fato de que Lenin, com sua autoridade imbatível, tomasse partido tão abertamente nas diferenças internas, teria uma grande influência sobre muitos comunistas ocidentais. E todavia, apesar de tudo isso, a maioria do Partido Comunista Alemão aderiu ao conhecimento que tiveram contato através de sua experiência das lutas proletárias. Por isso em seu próximo congresso em Heidelberg, Dr. Levi, mediante alguns truques sujos, teve primeiramente que dividir à maioria – para excluir uma parte, e logo para acumular mais votos que outros – a fim de obter uma vitória formal e aparente para as táticas de Moscou.

Os grupos excluídos seguiram durante alguns anos disseminando suas ideias. Mas suas perspectivas ficaram submersas à enorme propaganda de Moscou, não tiveram boa receptividade nos eventos políticos dos anos posteriores. Só podiam manter e desenvolver, através de discussões teóricas mútuas e de algumas publicações, sua compreensão sobre as condições da revolução proletária, e manterem-se vivos durante os períodos posteriores.

A emergência de uma revolução proletária no oeste havia sido assassinada pela poderosa revolução da classe média do oeste.

V – O verdadeiro caráter da Revolução russa e o papel da III Internacional

É correto chamar a esta revolução russa, que destruiu a burguesia e introduziu o socialismo, uma revolução da classe média?

Alguns anos depois, nas grandes cidades da extremamente pobre Rússia, apareceram lojas especializadas, com fachadas de vidro e espelho e iguarias requintadas,

especialmente para os ricos, e abriram luxuosos clubes noturnos, frequentados por senhores e senhoras com vestido de tarde – chefes de departamentos, altos funcionários, diretores de fábrica e comitês. Estavam olhando fixamente com espanto, os pobres nas ruas, e os comunistas desiludidos disseram: “*Lá vai a nova burguesia*”. Estavam equivocados. Não era uma nova burguesia; mas era uma nova classe dominante. Quando uma nova classe dominante surge, os revolucionários desapontados sempre a chamam pelo nome da classe dominante anterior. Na revolução francesa, os capitalistas ascendentes foram chamados “*a nova aristocracia*”. Aqui na Rússia, a nova classe privilegiada, os controladores do aparato de produção era a burocracia. Tinham que desempenhar na Rússia o mesmo papel que no oeste a classe média, a burguesia, havia desempenhado: desenvolver o país por meio da industrialização, das condições primitivas até a alta produtividade.

Assim como na Europa ocidental a burguesia havia surgido do povo vulgar de artesãos e camponeses, incluindo alguns aristocratas, através da habilidade, da sorte e da astúcia, do mesmo modo a burocracia dominante russa havia surgido da classe operária e dos camponeses (incluindo os funcionários anteriores) pela habilidade, sorte e astúcia. A diferença é que na URSS eles não se apropriaram individualmente dos meios de produção, mas coletivamente; sua competição entre si, também, devia suceder sob outras formas. Isso significa haver uma diferença fundamental no sistema econômico; produção coletiva planejada e exploração, em vez de produção individual aleatória e exploração; capitalismo de estado, em vez de capitalismo privado. Para as massas operárias, no entanto, a diferença é desprezível, não é essencial; uma vez mais são explorados por uma classe média. Mas agora a exploração está intensificada pela forma ditatorial de governo, pela total falta de todas as liberdades que no oeste tornava possível a luta contra a burguesia.

Este caráter da Rússia moderna determinou o caráter da luta da Terceiro Internacional. Alternando os intensos discursos com o oportunismo parlamentar, ou combinando ambos, a III Internacional tentou ganhar a adesão das massas operárias do oeste. Explorou o antagonismo de classe dos operários contra o capitalismo para ganhar poder para o Partido. Apagou todo o entusiasmo revolucionário da juventude e todos os impulsos rebeldes das massas, lhes impedindo de desenvolver sob um poder proletário crescente, e os consumiu em aventuras políticas inúteis. Esperou assim conseguir o poder sobre a burguesia ocidental; mas tampouco foi capaz de fazê-lo, porque a compreensão do caráter específico do capitalismo avançado estava totalmente ausente nela. Este capitalismo não pode ser

conquistado por uma força externa; só pode ser destruído a partir de dentro, pela revolução proletária. A dominação de classe só pode ser destruída pela iniciativa e o discernimento de uma classe proletária com confiança em si mesma: a disciplina de partido e a obediência das massas a seus chefes só podem conduzir a uma nova dominação de classe. Na verdade, na Itália e na Alemanha esta atividade do Partido Comunista preparou o caminho para o fascismo.

Os partidos comunistas que pertencem à III Internacional são completamente – materialmente e intelectualmente – dependentes da Rússia, são os servos obedientes dos governantes da Rússia. Portanto, quando a Rússia, depois de 1933, sentiu que devia aliar-se com a França contra a Alemanha, toda a intransigência anterior foi esquecida. O Comintern se tornou o líder da “democracia” e se uniu não só com os socialistas mas também com alguns partidos capitalistas na chamada Frente Popular. Gradualmente seu poder de atração, por meio da pretensão de representar as velhas tradições revolucionárias, começou a desaparecer; seus seguidores no proletariado diminuiram.

Mas ao mesmo tempo, sua influência nas classes médias intelectuais na Europa e América começou a crescer. Um amplo número de livros e análises em todos os campos do pensamento social foi difundido por editoras do P.C. mais ou menos camufladas, na Inglaterra, França e América. Alguns deles eram valiosos estudos históricos ou recopilações populares; mas eram principalmente exposições sem valor do chamado Leninismo. Toda esta literatura era evidentemente não destinada aos operários, mas aos intelectuais, com o objetivo de atraí-los para o comunismo russo.

A nova aproximação encontrou algum êxito. O ex-diplomata soviético Alejandro Barmine disse em suas memórias como percebeu com surpresa na Europa ocidental que só quando ele e outros Bolcheviques empenharam a tirar suas dúvidas sobre o resultado da revolução russa, os intelectuais da classe média ocidental, enganados pelos elogios mentirosos dos êxitos do Quinto Plano Anual, começaram a se interessar no Comunismo. A razão é clara: agora a Rússia não era obviamente uma expressão dos Estados operários; sentiram que esta dominação do capitalismo de estado de uma burocracia tornou-se mais próxima dos seus próprios ideais de governo pela intelectualidade do que o fez o governo europeu e americano das grandes finanças. Agora que uma nova minoria dominante e acima das massas se estabeleceu na Rússia, o Partido comunista, seu servente externo, teria que

voltar-se a essas classes das quais, quando o capitalismo privado entrasse em colapso, surgiriam os novos governantes para explorar as massas.

Claro, para triunfar desta maneira, necessitavam de uma revolução operária para derrotar o poder capitalista. Logo, deviam tentar desvia-la de suas próprias aspirações e convertê-la em um instrumento para o governo de seu partido. Vemos assim que tipo de dificuldades terá que enfrentar a revolução futura da classe operária. *Terá que lutar não só contra a burguesia mas também contra os inimigos da burguesia.* Não só tem que despojar-se do jugo de seus chefes atuais; também deve defender-se daqueles que tentarão ser seus chefes futuros.

VI – Diante do início da nova guerra há que libertar-se do bolchevismo

O mundo está entrando agora em sua nova grande guerra imperialista. Cautelosos, ainda que os governos em guerra possam estar manipulando as forças econômicas e sociais e tentando impedir o inferno de deixá-las completamente soltas, não serão capazes de deter a catástrofe social. Com a exaustão geral e o empobrecimento, os mais rigorosos na Europa continental, com o espírito de descontentamento latente, as lutas violentas de classes acompanharão as novas configurações do sistema de produção. Então, com o capitalismo privado desmoronando, haverá de um lado a economia planificada, o capitalismo de estado, a exploração operária; de outro a liberdade dos operários e o domínio sobre a produção.

A classe operária está inserindo nesta guerra histórica pela tradição capitalista de controle do Partido e a tradição quimérica de uma revolução do tipo russo. A tremenda pressão desta guerra conduzirá os operários à resistência espontânea contra seus governos e provocará a emergência de novas formas de luta na realidade. Uma vez que a Rússia entre no campo contrário aos poderes ocidentais, voltará a reabrir essa velha caixa de slogans e apelará aos operários em favor da *“revolução mundial contra o capitalismo”* e esforçará para colocar os operários revolucionários ao seu lado. Assim, o Bolchevismo terá mais uma vez a sua oportunidade. Mas isto não será a solução para os problemas operários. Quando a miséria geral aumenta e os conflitos entre as classes se torna mais ferozes, *a classe operária deve, por sua própria necessidade, apropriar-se dos meios de produção e encontrar os caminhos para libertar-se da influência do Bolchevismo.*